



Acolhimento Residencial em Portugal

Sónia Rodrigues¹, Mariana Leal¹, Ana Martins¹, Rita Ribeiro¹, Sílvia Azevedo¹, Joana Campos¹,
Maria Barbosa-Ducharne¹, Jorge F. Del Valle², Pedro Dias³

1. Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

2. Universidad de Oviedo, Facultad de Psicología

3. Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos e Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia

Resumo

Em Portugal existem 8000 crianças e jovens em Acolhimento Residencial (AR). O conceito de qualidade AR surge como a adequação das características da casa de acolhimento às necessidades das crianças. Sendo um construto complexo e multidimensional exige diferentes perspetivas e uma avaliação realizada por diversas fontes, assumindo a voz das crianças como a principal referência na aferição da qualidade. A qualidade do AR está intimamente relacionada com o ajustamento psicológico, o bem-estar e a satisfação com a vida das crianças e jovens. Até à atualidade ainda não foi realizada em Portugal uma avaliação da qualidade do sistema de AR. Neste momento está a decorrer um estudo que tem por objetivo aferir a qualidade do AR português através da avaliação das necessidades e do ajustamento psicológico das crianças em AR, da avaliação da qualidade dos serviços prestados pelas CA e da compreensão da relação entre estas duas variáveis. Este simpósio tem como objetivo apresentar alguns resultados emergentes do estudo piloto da investigação de carácter nacional, ainda em curso, que visa aferir a qualidade do sistema Português de AR. Neste sentido, será feita uma breve contextualização do AR em Portugal, seguida da apresentação da metodologia principal que é utilizada para esta avaliação - Sistema de Avaliação Compreensiva do Acolhimento Residencial Português (ARQUA-P). Posteriormente, serão apresentados os dados relativos ao ajustamento psicológico dos jovens que estão em AR, à sua autoestima, bem-estar e felicidade subjetiva, relacionando estas variáveis com a qualidade do AR das CA.

Palavras-chave: Acolhimento residencial; crianças; jovens; institucionalização.



Abstract

In Portugal there are 8000 children and young people in Residential Care (RC). The concept of RC quality emerges as the adequacy of the characteristics of the centres to the needs of children. Being a complex and multidimensional construct requires different perspectives and an evaluation by various sources, assuming the voice of children as the main reference in measuring the quality. The quality of the RC is closely related to psychological adjustment, well-being and satisfaction with life of children and adolescents. Until now it has not been performed in Portugal an assessment of the quality of the RC system. At this time there is an ongoing study that aims to assess the quality of Portuguese RC system through needs assessment and psychological adjustment of children in RC, the evaluation of the quality of services provided by centres and understanding of the relationship between these two variables. This symposium aims to present some emerging results of the pilot study of national character research, still in progress, which aims to assess the quality of the RC Portuguese system. In this sense, a brief contextualization of the RC will be in Portugal, followed by the presentation of the main methodology that is used for this assessment – A Comprehensive Evaluation System for Residential Care in Portugal (ARQUA-P). Subsequently, it will be presented the data related to the psychological adjustment of adolescents that are in RC, their self-esteem, well-being and happiness subjective, relating these variables with the quality of the RC.

Keywords: Residential care for children and adolescents; Quality of residential care; Institutionalized children and adolescents.



Avaliação nacional da qualidade do acolhimento residencial Português

Tal como se observa no resto do mundo, a história do Acolhimento Residencial (AR) em Portugal mostra uma evolução paralela com a evolução dos direitos das crianças. Durante séculos, as crianças eram vistas como seres desprovidos de direitos (DeMause, 1991).

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança foi ratificada por Portugal em 1990 e a lei Portuguesa (recentemente aprovada) utiliza a terminologia AR pela primeira vez, substituindo institucionalização como o conceito oficial (art.º49 LCPCJ 142/2015).

Atualmente em Portugal, cerca de 8000 crianças e jovens estão em 433 diferentes casas de acolhimento (CA), representando mais de 90% de todas as crianças sob medidas de proteção extrafamiliares. A maioria das crianças mantêm-se em AR por mais de 2 anos. Mais de 60% destas crianças vivem em casas de AR grandes e mais de 50% vivem em casas segregadas pelo género. Contra todas as recomendações internacionais, 99% dos bebés com menos de três anos de idade sujeitos a medidas de proteção extrafamiliares estão colocados em CA (ISS, I.P., 2016).

Uma análise do contexto histórico e atual de AR em Portugal revela alguma ignorância sobre a forma como é realizada a intervenção nestas CA, qual a qualidade dos serviços que prestam e sua adequação às necessidades reais das crianças/jovens aí acolhidos (Rodrigues, Del Valle, & Barbosa-Ducharne, 2013).

Sublinha-se a importância de um estudo que permita avaliar a qualidade do sistema de AR Português e cujos resultados consubstanciem decisões políticas e de gestão. Para esse fim, foi planeado um estudo piloto a fim de treinar os investigadores na metodologia de avaliação e testar os instrumentos.

ARQUA-P: Sistema de Avaliação Compreensiva do Acolhimento Residencial Português

Neste contexto o conceito de qualidade AR surge como a adequação das características da casa de acolhimento às necessidades das crianças (Rodrigues, Barbosa-Ducharne & Del Valle, 2015). Os conceitos de qualidade e avaliação são, nesta perspetiva, indissociáveis. A fim de acomodar aspetos subjetivos e contextuais do conceito de qualidade é essencial o envolvimento de todos os intervenientes do contexto (incluindo as crianças) na avaliação (Sainero, Bravo, & Del Valle, 2014).

Partindo do pressuposto que a recolha de informações a partir de diferentes fontes permite obter uma multiplicidade de perspetivas e perceções e com o objetivo de avaliar o estado atual do AR Português foi desenvolvido o Sistema de Avaliação Compreensiva do Acolhimento Residencial Português (ARQUA-P; Rodrigues, Barbosa-Ducharne, & Del Valle, 2015), baseado no modelo ecológico e usando uma versão Portuguesa adaptada do sistema de avaliação ARQUA espanhol, tendo por referência normas internacionais atuais de qualidade e a legislação e características do acolhimento residencial nacional.

A metodologia ARQUA-P inclui uma listagem de informações sociodemográficas das crianças e cuidadores, uma grelha de observação que permite o registo da visita às instalações e da documentação consultada, entrevistas a crianças, cuidadores, diretor(a) técnico(a), professores e técnicos de articulação da entidade tutelar e, ainda, questionários de hetero e autorrelato que avaliam o ajustamento psicológico (indicadores de ajustamento psicológico



das crianças, autoestima, satisfação com a vida, felicidade subjetiva e bem-estar pessoal) (Rodrigues, Barbosa-Ducharne, & Del Valle, 2015).

As rúbricas seguintes apresentam os resultados do estudo piloto do Estudo de Avaliação da Qualidade do Acolhimento Residencial Português (EQAR). Foram visitadas 5 casas de AR em 5 distritos da região Norte de Portugal e foram recolhidos dados junto de 61 jovens. Destes jovens 64% são do sexo masculino e apresentam idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos ($M=15.74$; $DP=1.92$).

A qualidade do acolhimento residencial e o ajustamento psicológico dos adolescentes

Em Portugal, existe um grande número de adolescentes (55.6%) entre os 12-17 anos em casas de AR (ISS, I.P., 2016).

A utilização de uma avaliação da prevalência de indicadores de sintomatologia de saúde mental baseada empiricamente é crucial, uma vez que permite a conceção de intervenções clínicas adequadas a esta população (Achenbach, Krukowski, Dumenci, & Ivanova, 2005). O Sistema de Avaliação Empiricamente Validado de Achenbach (ASEBA; Achenbach et al., 2014) permite a recolha de informações em vários contextos (e.g. escola, casa de acolhimento), através de vários informadores (e.g. cuidadores, adolescentes). O ASEBA caracteriza-se por apresentar um formato de resposta rápido e de baixo custo para realizar uma avaliação de indicadores do(s) problema(s) apresentado(s) por essa população.

A qualidade do AR foi avaliada através do Sistema ARQUA-P (Rodrigues et al., 2015). O ajustamento psicológico foi avaliado a partir do YSR (autorrelato) e através da CBCL 6-18 (heterorrelato) (Achenbach & Rescorla, 2001).

Tabela 1.

Caracterização dos problemas emocionais e comportamentais reportados pelos jovens

	Normativo		Borderline		Clínico	
	Estudo	População	Estudo	População	Estudo	População
Escalas ASEBA						
Ansiedade/Depressão	78%	87.6%	15.3%	9.8%	6.8%	2.6%
Isolamento/Depressão	71.2%	90.4%	18.6%	7.5%	10.2%	2.1%
Queixas Somáticas	78%	91.8%	16.9%	6.6%	5.1%	1.6%
Problemas Sociais	76.3%	96.9%	15.3%	2.4%	8.5%	0.7%
Problemas de Pensamento	69.5%	95.5%	16.9%	3.4%	13.6%	1.1%
Problemas de Atenção	78%	93.6%	5.1%	4%	16.9%	2.3%
Comportamento de Oposição	67.8%	96%	18.6%	3.6%	13.6%	0.4%
Comportamento Agressivo	74.6%	92.7%	20.3%	5.9%	5.1%	1.4%
Escalas						
Problemas de Internalização	55.9%	72.7%	18.6%	14.4%	25.4%	12.9%



Problemas de Externalização	49.2%	87.1%	22%	6.3%	28.8%	6.6%
Total de Problemas						
Total de Problemas	55.9%	83.6%	11.9%	9.1%	32.2%	7.3%

O presente estudo revelou que os jovens em acolhimento tendem a apresentar índices mais elevados de sintomatologia psicológica e de dificuldades psicossociais do que os encontrados na população normativa. Vários estudos apontam para o facto de que o índice de prevalência de problemas de saúde mental é superior em jovens acolhidos quando comparados com jovens que vivem com a sua família (Gearing, MacKenzie, Schwalbe, Brewer, & Ibrahim, 2014; Janssens & Deboutte, 2009; Schmid, Goldbeck, Nutzel, & Fegert, 2008).

Tabela 2.

Níveis de acordo entre os cuidadores e os jovens relativamente às escalas ASEBA

	CBCL-YSR
	<i>r</i>
Escalas ASEBA	
Ansiedade/Depressão	.211
Isolamento/Depressão	.227
Queixas Somáticas	.270*
Problemas Sociais	.379**
Problemas de Pensamento	.206
Problemas de Atenção	.339**
Comportamento de Oposição	.435**
Comportamento Agressivo	.364**
Escalas	
Problemas de Internalização	.351**
Problemas de Externalização	.389**
Total de Problemas	
Total de Problemas	.382**

* $p < .05$ ** $p < .01$

Paralelamente, comparando as avaliações realizadas pelos jovens e pelos cuidadores, foi possível observar correlações significativas sendo estas superiores nas escalas de externalização, como também evidenciado na literatura (Rescorla et. al, 2007).

Este estudo para além dos objetivos assumidos no estudo piloto, permitiu refletir sobre a importância da promoção de uma avaliação da saúde mental ampla e cuidada, fornecendo o apoio necessário para as crianças com o objetivo de prevenir ou reduzir os sintomas psicopatológicos observados.



A autoestima das crianças e Jovens e a sua perceção da qualidade no acolhimento residencial em Portugal

As crianças e jovens em AR encontram-se frequentemente em risco de desenvolver problemas emocionais, comportamentais e sociais. No entanto, há pouca evidência sobre os níveis de autoestima desta população.

Este estudo visa avaliar a autoestima dos jovens em AR, a sua perceção de qualidade das casas de AR e explorar as relações entre estas duas variáveis.

A autoestima foi avaliada através da *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES; Rosenberg, 1965, versão portuguesa de Santos & Maia, 2003). A qualidade das casas foram avaliadas através do Sistema de Avaliação Compreensiva do Acolhimento Residencial Português (ARQUA-P; Rodrigues et al., 2015).

Os jovens em AR apresentaram níveis médios de autoestima ($M=27.85$, $DP=5.42$), embora significativamente mais baixos do que na população normativa ($M=31.40$, $DP=4.86$).

Tabela 3. Diferenças entre rapazes e raparigas relativamente aos níveis da autoestima

	<i>Raparigas</i> (<i>n</i> = 22)	<i>Rapazes</i> (<i>n</i> = 37)				
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>t</i> (57)	<i>p</i>	IC to 95%	<i>d</i>
Autoestima	25 (5.24)	29.54 (4.85)	-3.378	.001	-7.23; -1.85	.90

Os rapazes apresentaram níveis mais elevados de autoestima do que as raparigas. Resultados idênticos foram encontrados noutras amostras normativas de jovens, verificando-se, maiores níveis de autoestima no sexo masculino (Santos & Maia, 2003).

Tabela 4. Diferenças de perceção das dimensões da qualidade relativamente à dimensão das casas de AR

Dimensões ARQUA-P	<i>Pequena</i> (<i>n</i> = 16)	<i>Média/Grande</i> (<i>n</i> = 43)				
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>t</i> (57)	<i>p</i>	IC a 95%	<i>d</i>
PIR	4.23 (0.63)	3.74 (0.80)	2.228	.030	0.05/0.94	0.68
SFR	4.73 (0.56)	3.67 (1.28)	3.067	.004	0.37/1.76	1.07
SP	4.47 (0.35)	3.51 (0.94)	3.963	<.001	0.47/1.44	1.35
RR	4.66 (0.34)	4.02 (0.78)	3.148	.003	0.23/1.05	1.06
BMN	4.73 (0.31)	3.72 (0.79)	4.987	<.001	0.61/1.42	1.68
HLS	4.66 (1.00)	4.01 (1.00)	2.199	.032	0.06/1.23	0.65
NI	4.47 (0.54)	3.42 (0.74)	5.163	<.001	0.64/1.46	1.62
P	4.54 (0.58)	3.57 (0.94)	3.878	<.001	0.47/1.48	1.24



UC	4.71 (0.55)	3.96 (0.78)	3.551	.001	0.33/1.18	1.11
OQ	4.52 (0.45)	3.77 (0.62)	4.430	<.001	0.41/1.09	1.38

No geral as avaliações da qualidade do AR foram positivas. Jovens que se encontravam em casas de pequena dimensão, assim como os rapazes tendem a avaliar de forma mais elevada a qualidade das casas de AR, tal como descrito noutros estudos (Carvalho & Manita, 2010; Delap, 2011).

Tabela 5. Correlações entre os níveis de autoestime e as dimensões de qualidade do AR

	PIR	SP	BMN	P	UC	Qualidade Total
Autoestima	.313*	.351**	.298*	.260*	.301*	.315*

* $p < .05$

** $p < .01$

A autoestima jovens está significativamente correlacionada com algumas dimensões da qualidade de AR.

Esses resultados trazem algumas implicações para futuras investigações e planeamento de intervenção, sublinhando a importância de promover a autoestima nos jovens em AR.

Bem-estar pessoal e felicidade subjetiva nos jovens em acolhimento residencial em Portugal

Nos estudos em contexto de acolhimento residencial (AR) são frequentemente exploradas variáveis que identificam dificuldades e problemas nas crianças e jovens acolhidos. Contudo, são reduzidas as investigações que se centram em variáveis positivas, existindo pouca evidência científica relativamente aos índices de bem-estar e de felicidade subjetiva da população em AR (Barros, 2010).

Neste estudo pretende-se avaliar o bem-estar pessoal e a felicidade subjetiva num grupo de jovens acolhidos, juntamente com a perceção de Qualidade do contexto de AR e explorar a relação entre estas variáveis.

O bem-estar dos jovens foi avaliado através do Índice de Bem-estar Pessoal (Cummins & Nistico, 2002, versão portuguesa de Pais-Ribeiro & Cummins, 2008) e a felicidade foi avaliada através da Escala de Felicidade Subjetiva (Lyubomirsky & Lepper, 1999, versão portuguesa de Pais-Ribeiro, 2012). A perceção de qualidade do AR foi aferida através do ARQUA-P (Rodrigues et al., 2015).

Os resultados indicam níveis médios positivos de bem-estar (População geral: $M=70.85$, $DP=11.83$; Jovens em AR: $M=68.69$, $DP=16.39$) e felicidade (População geral: $M=5.12$, $DP=1.02$; Jovens em AR: $M=4.92$, $DP=1.28$) nos jovens em AR.



Tabela 6. Diferenças entre os participantes do sexo feminino e masculino

	<i>Sexo Feminino (n = 22) Média (DP)</i>	<i>Sexo Masculino (n = 37) Média (DP)</i>	<i>t (57)</i>	<i>p</i>	<i>IC a 95%</i>	<i>d</i>
IBP	57.54 (8.81)	75.32 (16.33)	56.61	<.001	[-24.33; -11.21]	1,37
EFS	4.03 (1.11)	5.45 (1.07)	-4.86	<.001	[-2.00;-.834]	1,30

Os jovens do sexo masculino relataram níveis superiores de bem-estar e de felicidade comparativamente com o sexo feminino. Estes resultados estão em consonância com outros estudos (e.g. Llosada-Gitsau, Montserrat, & Casas, 2015; Poletto & Koller, 2011).

Tabela 7. Diferenças em função da dimensão da casa de acolhimento

	<i>Dimensão Pequena Média (DP)</i>	<i>Dimensão Média Média (DP)</i>	<i>Dimensão Grande Média (DP)</i>
IBP			
<i>F (2,56) = 15.87, p <.001</i>	79.05 (14.20)	56.64 (9.64)	74.70 (15.86)
EFS			
<i>F (2,56) = 15.00, p <.001</i>	5.93 (0.75)	4.05 (1.09)	5.19 (1.16)

Tabela 8. Perceção dos jovens relativamente às dimensões de avaliação de qualidade do contexto de AR

Dimensões ARQUA-P	Crianças/Jovens		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max.</i>
Localização, Infraestruturas e Equipamento (LIE)	3.87	.78	1.86-5.00
Apoio à Família para a Reunificação (AFR)	3.99	1.21	1.00-5.00
Segurança e Proteção (SP)	3.77	.92	1.42-5.00
Respeito pelos Direitos (RD)	4.20	.75	2.00-5.00
Necessidades Básicas e Materiais (NBM)	3.99	.82	1.57-5.00
Estudos e Formação (EF)	4.45	.79	1.67-5.00
Saúde e Estilos de Vida (SEV)	4.19	1.03	1.00-5.00
Normalização e Integração (NI)	3.70	.84	2.00-5.00
Participação (P)	3.83	.96	1.33-5.00
Consequências Educativas (CE)	4.16	.80	2.20-5.00
Qualidade Total	3.98	.67	2.17-4.95

Tabela 9. Perceção dos jovens relativamente às dimensões de avaliação de qualidade do contexto de AR



Dimensões ARQUA-P	<i>Sexo Feminino</i>	<i>Sexo Masculino</i>	<i>F (10,37)</i>	<i>p</i>	η^2
	<i>(n = 22)</i> <i>Média (DP)</i>	<i>(n = 37)</i> <i>Média (DP)</i>			
LIE	3.34 (.69)	4.15 (.69)	16.45	<.001	.26
AFR	3.42 (1.20)	4.34 (1.10)	6.78	.012	.13
SP	3.08 (.81)	4.12 (.77)	15.63	<.001	.25
RD	3.77 (.72)	4.41 (.67)	8.58	.005	.16
NBM	3.38 (.80)	4.31 (.64)	18.25	<.001	.28
EF	4.02 (.87)	4.66 (.65)	7.31	.010	.14
NI	3.22 (.66)	3.95 (.82)	13.16	.001	.22
P	3.18 (.83)	4.16 (.85)	19.97	<.001	.30
CE	4.16 (.85)	4.49 (.62)	22.65	<.001	.33

Tabela 10. Perceção dos jovens relativamente às dimensões de avaliação de qualidade do contexto de AR

	<i>Dimensão Pequena</i> <i>Média (DP)</i>	<i>Dimensão Média</i> <i>Média (DP)</i>	<i>Dimensão Grande</i> <i>Média (DP)</i>
Qualidade Total	4.52 (.45)	3.48 (.57)	4.05 (.54)

As perceções dos jovens, relativamente às dimensões de qualidade do contexto de AR mostraram-se positivas. Estudos indicam uma perspetiva positiva das crianças em AR em relação aos inúmeros fatores do contexto de acolhimento (Carvalho & Manita, 2010; Southwell & Fraser, 2010).

Verificou-se que os jovens acolhidos em CA de pequena dimensão e os jovens do sexo masculino avaliaram melhor o contexto de AR que os jovens acolhidos em CA de média/grande dimensão, e de sexo feminino. A literatura indica que uma casa de AR de grande dimensão e muitas vezes um rácio diminuto de cuidadores poderá causar impacto no funcionamento residencial e nas perspetivas dos jovens em relação ao contexto de AR (Carvalho & Manita, 2010). Estudos têm também revelado uma maior insatisfação das raparigas com a sua experiência de acolhimento e constataam que estas revelam distintas necessidades, nem sempre convenientemente tidas em conta nos contextos de AR (e.g. Baker, Archer & Curtis, 2007; Jones, Landsverk, & Roberts, 2007; O'Neill, 2008).

Tabela 11. Relação entre BEP e FS e a perceção dos jovens sobre as dimensões de avaliação da qualidade do contexto de AR

	LIE	AR	SP	RD	NBM	EF	SEV	NI	P	CE	Total
BE	.45**	.46*	.56**	.50**	.50**	.28	.23	.46**	.39*	.31	.55**
P	*	*	*	*	*	*	*	*		*	*
FS	.51**	.42*	.58**	.47**	.61**	.36	.29	.56**	.50**	.41	.61**
	*		*	*	*	*	*	*	*	*	*

*p < .05 **p < .01 ***p < .001



O bem-estar e a felicidade destes jovens correlaciona-se positiva e significativamente com algumas dimensões de avaliação da qualidade de AR.

Estes resultados reforçam a necessidade de intervir na promoção da qualidade AR e refletir acerca das suas implicações.

Conclusões

Deste estudo foi possível concluir que a prevalência de sintomas de saúde mental e de desajuste psicológico é muito maior em adolescentes acolhidos, principalmente do sexo feminino, quando comparado com adolescentes que vivem com as suas famílias. Relativamente aos níveis de acordo entre os cuidadores e os adolescentes no que diz respeito ao ajustamento psicológico são significativos, principalmente para os problemas de externalização. Paralelamente os adolescentes revelam níveis de autoestima, bem-estar (na sua dimensão cognitiva: satisfação com a vida) e felicidade subjetiva abaixo da média, e principalmente, também, nos adolescentes do sexo feminino. A avaliação da qualidade do AR encontra-se relacionada de forma significativa e positivamente com a autoestima, bem-estar e felicidade subjetiva dos adolescentes.

Considerando os resultados apresentados, é premente que as casas de AR aprestem uma maior atenção às opiniões das crianças, a fim de satisfazer as suas necessidades. É importante que sejam salvaguardadas as necessidades específicas das adolescentes do sexo feminino, uma vez que demonstram níveis mais elevados de psicopatologia, problemas de internalização, baixa autoestima, menor bem-estar e felicidade subjetiva e um maior descontentamento com o AR.

Salienta-se a necessidade de se promover uma melhor avaliação da saúde mental e fornecer o apoio necessário para as crianças e jovens no sentido de reduzir os sintomas psicopatológicos observados. O investimento na qualidade das instalações de AR poderão também ajudar a promover maiores índices de autoestima, bem-estar e felicidade subjetiva em adolescentes em AR.

Contudo, os resultados apresentados são produto de um estudo piloto que visa realizar uma avaliação da qualidade do sistema de AR em Portugal. Apesar do seu carácter inovador, este estudo apresenta como principais limitações o facto de o procedimento de amostragem utilizado ser de conveniência, o que, conseqüentemente, faz com que este estudo careça de representatividade relativamente ao sistema de AR Português, impossibilitando a generalização dos resultados

Desta forma, no futuro, deverão ser recolhidos dados junto de um maior número de participantes pertencentes a casas de AR de diferentes tipologias. Este facto irá possibilitar a realização de análises estatísticas mais sofisticadas que contribuam para uma avaliação mais abrangente, compreensiva e ecológica do Sistema de AR Português.

Contacto para Correspondência

Sónia Rodrigues, Centro de Psicologia da Universidade do Porto | Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen 4200-135 Porto, acolhimentoresidencial@fpce.up.pt



Referências

- Achenbach, T., Krukowski, R., Dumenci, L., & Ivanova, M. (2005). Assessment of adult psychopathology: Meta-analyses and implications of cross-informant correlations. *Psychological Bulletin*, 131(3), 361-382. doi: 10.1037/0033-2909.131.3.361
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA school age forms & profiles*. Burlington: University of Vermont, Research Centre for Children, Youth, & Families.
- Achenbach, T., Rescorla, L., Dias, P., Ramalho, V., Sousa Lima, V., Machado, B., & Gonçalves, M. (2014). *Manual do Sistema de Avaliação Empiricamente Validado (ASEBA) para o Período Pré-Escolar e Escolar*. Braga: Psiquilibrios Edições. ISBN 978-989-83-3319-3
- Baker A. L., Archer M., & Curtis P. (2007). Youth characteristics associated with behavioral and mental health problems during the transition to residential treatment centers: The Odyssey Project population. *Child Welfare League of America*, 86, 6, 5- 29.
- Barros, J. (2010). *Psicologia positiva - uma nova psicologia*. Porto: LivPsic.
- Carvalho, T. & Manita, C. (2010) Perceções de crianças e adolescentes institucionalizados sobre o processo de institucionalização e a experiência na instituição. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A.T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio, & M. C. Taveira (Eds.). *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 3326-3335). Universidade do Minho. Braga.
- Cummins, R., & Nistico, H. (2002). Maintaining life satisfaction: the role of positive cognitive bias. *Journal of Happiness Studies*, 3, 37-6.
- Delap, E. (2011). *Scaling down: Reducing, reshaping and improving residential care around the world* (1-43). London: EveryChild.
- DeMause, L. (1991). *La evolución de la infancia: Historia de la infancia*. DeMause, Ll (editora). Madrid: Alianza Universidad.
- Gearing, R. E., Schwalbe, C. S., MacKenzie, M. J., Brewer, K. B., & Ibrahim, R. W. (2014). Assessment of adolescent mental health and behavioral problems in institutional care: Discrepancies between staff-reported CBCL scores and adolescent-reported YSR scores. *Administration and Policy in Mental Health and Mental Health Services Research*, 42(3), 279-287. doi: 10.1007/s10488-014-0568-y
- Instituto da Segurança Social, IP. (2016). *CASA 2015 - Relatório de Caracterização Anual da Situação do Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: ISS, IP.
- Janssens, A., & Deboutte, D. (2009). Screening for psychopathology in child welfare: the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) compared with the Achenbach System of Empirically Based Assessment (ASEBA). *European Child & Adolescent Psychiatry*, 18, 691-700. doi: 10.1007/s00787-009-0030-y
- Jones, L., Landsverk, J., Roberts, A. (2007). A comparison of two caregiving models in providing continuity of care for youth in residential care. *Child Youth Care Forum*, 36, 99-109.
- Lei nº 142/15, de 8 de Setembro - Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. Diário da República. Lisboa: Diário da República.
- Llosada-Gistau J., Montserrat C. & Casas F. (2015). The subjective well-being of adolescents in residential care compared to that of the general population. *Children and Youth Services Review*, 52, 150 - 157. doi:10.1016/j.childyouth.2014.11.007.
- Lyubomirsky, S., & Lepper, H. (1999). A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation. *Social Indicators Research*, 46, 137 - 155.
- O'Neill, T. (2008). Gender matters in residential child care. In A. J. Kendrick (ed.), *Residential child care: Prospects and challenges* (93-106). London/Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- Pais-Ribeiro, J. (2012). Validação transcultural da escala de Felicidade Subjetiva de Lyubomirsky e Lepper. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13 (2), 157-168.



- Pais-Ribeiro, J., & Cummins, R. (2008) O bem-estar pessoal: estudo de validação da versão portuguesa da escala. In: I.Leal, J.Pais-Ribeiro, I. Silva & S.Marques (Edts.). *Actas do 7º congresso nacional de psicologia da saúde*, 505-508. Lisboa: ISPA.
- Poletto M. & Koller S. (2011) Subjective Well-Being in Socially Vulnerable Children and Adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 476-484.
- Rescorla, L., Achenbach, T., Ivanova, M., Almqvist, F., Bilenberg, N., Bird, H., Broberg, A., Dobrea, A., Dopfner, M., Erol, N., Forn, M., Hannesdottir, H., Kambayashi, Y., Lambert, M., Leung, P., Minaei, A., Mulatu, M., Novik, T., Oj, K., Roussos, A., Sawyer, M., Simsek, Z., Steinhausen, H., Weintraub, S., Metzke, C., Wolanczyk, T., Zilber, N., Zukauskienė, R., & Verhulst, F. (2007). Epidemiological Comparisons of Problems and Positive Qualities Reported by Adolescents in 24 Countries. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75(2), 351-358. doi: 10.1037/0022-006X.75.2.351
- Rodrigues, S. Barbosa-Ducharne, M., & Del Valle, J. F. (2015). *ARQUA-P: Sistema Compreensivo de Avaliação da Qualidade do Acolhimento Residencial Português*©. Registo 2650/2015. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Inspeção-Geral das Atividades Culturais - Direção de Serviços de Propriedade Intelectual.
- Rodrigues, S., Barbosa-Ducharne, M., & Del Valle, J. F. (2013). La calidad del acogimiento residencial en Portugal y el ejemplo de la evolución Española [The quality of residential child care in Portugal and the example of its development in Spain]. *Papeles del Psicólogo*, 34(1), 11-22.
- Sainero, A., Bravo, A., & Del Valle, J. F. (2014). Examining needs and referrals to mental health services for children in residential care in Spain: an empirical study in an autonomous community. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, 22(1), 16-26.
- Santos, P. J. & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-28
- Schmid, M., Goldbeck, L., Nuetzel, J., & Fegert, J. M. (2008). Prevalence of mental disorders among adolescents in German youth welfare institutions. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 2(2), 1-8. doi:10.1186/1753-2000-2-2
- Southwell, J., & Fraser, E. (2010). Young people's satisfaction with residential care: Identifying strengths and weaknesses in service delivery. *Child Welfare*, 89(2), 209-228.